

YOUTUBE E A PRODUÇÃO DAS INFÂNCIAS: um olhar para as questões de gênero¹

Bianca Salazar Guizzo²

Resumo

A concepção de infância tomou novos rumos no Brasil especialmente a partir do século XX quando mais intensamente passou-se a compreender as necessidades específicas e peculiares das crianças. Ao mesmo tempo, percebe-se a grande visibilidade que as crianças passaram a ter na contemporaneidade. Um destes espaços de visibilidade é o YouTube. Tomando este espaço como educativo, este artigo tem como objetivo analisar a partir de um canal do YouTube protagonizados por crianças quais representações de gênero, articuladas às infâncias, são veiculadas e propagadas. Metodologicamente foi realizada uma análise cultural a partir da perspectiva teórica dos Estudos Culturais pós-estruturalistas, valendo-se especialmente dos conceitos de representação e de pedagogias culturais. Os resultados apontaram que há reiterações no que diz respeito aos scripts de gênero, mas também há rupturas, já que meninos e meninas têm a possibilidade de realizar ações e utilizar linguagens que são associadas tanto às feminilidades, como às masculinidades.

Palavras-chave: YouTube; Infância contemporânea; Gênero; Estudos Culturais.

YOUTUBE AND THE PRODUCTION OF CHILDHOODS: a look at gender issues

Abstract

The conception of childhood took new directions in Brazil, especially from the 20th century onwards, when the specific and peculiar needs of children began to be understood more intensely. At the same time, we can see the great visibility that children have gained in contemporary times. One of these spaces of visibility is YouTube. Taking this space as educational, this article aims to analyze five episodes of the channel “Maria Clara and JP”, seeking to problematize the ways in which boys and girls are positioned from a gender

¹ Este artigo é um recorte da pesquisa intitulada “infâncias na rede: o Youtube como espaço de fala de crianças contemporâneas” que conta com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento e Pesquisa (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS).

² Pós-doutora em Educação pela Universidade de Bolonha. Doutora e mestre em Educação pelo PPGEDU/UFRGS. Professora da Faculdade de Educação da UFRGS. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1080-2210>. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5359830630792253>. E-mail: bianca.guizzo@gmail.com.

perspective. Methodologically, a cultural analysis was carried out from the theoretical perspective of post-structuralist Cultural Studies, making special use of the concepts of representation and cultural pedagogies. The results showed that there are reiterations with regard to gender scripts, but there are also ruptures, since boys and girls have the possibility of carrying out actions and using languages that are associated with both femininity and masculinity.

Keywords: YouTube; Contemporary childhood; Gender; Cultural Studies.

YOUTUBE Y LA PRODUCCIÓN DE INFANCIAS: una mirada a las cuestiones de género

Resumen

La concepción de la infancia tomó nuevos rumbos en Brasil, especialmente a partir del siglo XX, cuando comenzaron a comprenderse más intensamente las necesidades específicas y peculiares de los niños. Al mismo tiempo, podemos comprobar la gran visibilidad que han adquirido los niños en la época contemporánea. Uno de estos espacios de visibilidad es YouTube. Tomando este espacio como educativo, este artículo tiene como objetivo analizar cinco episodios del canal “María Clara y JP”, buscando problematizar las formas en que se posicionan niños y niñas desde una perspectiva de género. Metodológicamente se realizó un análisis cultural desde la perspectiva teórica de los Estudios Culturales postestructuralistas, haciendo especial uso de los conceptos de representación y pedagogías culturales. Los resultados mostraron que existen reiteraciones respecto de los guiones de género, pero también rupturas, ya que niños y niñas tienen la posibilidad de realizar acciones y utilizar lenguajes asociados tanto a la feminidad como a la masculinidad.

Palabras clave: YouTube; Infancia contemporânea; Género; Estudios Culturales.

INTRODUÇÃO

Há bastante tempo tenho me dedicado a investigar e a problematizar as infâncias contemporâneas, sejam elas vividas em âmbitos educacionais ou em outros espaços que também são educativos, como os midiáticos. Tem havido uma proliferação de artefatos culturais como filmes, imagens, brinquedos, vídeos produzidos e publicados em diferentes aplicativos e plataformas, entre outros. Todos eles, em alguma medida, estão envolvidos em processos que educam os sujeitos desde a mais tenra idade, já que afetam os modos de ser de sujeitos infantis contemporâneos, bem como as formas de viverem as suas

infâncias. Nesse artigo, busca-se fazer uma reflexão sobre as crianças YouTubers, pois elas nos provocam a pensar sobre os diferentes modos como as infâncias têm sido vividas, pensadas e faladas neste início do século XXI. Fazem-nos pensar, também, acerca do quanto as crianças já não condizem mais com aquele ideal infantil tão propagado na modernidade cujas características vinculavam-se à doçura, à inocência, à fragilidade, à ingenuidade e à incompletude. Elas são, ao mesmo tempo, produtoras de culturas e produzidas nas culturas em que estão imersas.

Não há dúvidas sobre o fato de as infâncias constituírem-se num dos tempos de vida que mais têm sofrido transformações na contemporaneidade: de um papel quase apagado e passivo, as crianças passaram a ser compreendidas como sujeitos que produzem e interferem nas culturas, que compartilham conhecimentos, que participam de experiências e de práticas sociais e culturais que, certamente, têm ocasionado o esmaecimento de fronteiras tão bem alicerçadas e construídas na modernidade e que as diferenciavam e separavam da vida adulta.

Buscar visibilidade, produzir, publicar ou assistir a vídeos, num passado bastante remoto eram ações vistas como inapropriadas às crianças. Entretanto, na atualidade, são incorporadas às maneiras de viver de uma infância que tem no sucesso um ideal de vida a ser conquistado. E é esse o foco deste artigo, já que as novas mídias - sendo o YouTube a que interessa neste âmbito, tem (re)configurado as formas de viver as infâncias nestes tempos atuais a partir das representações que dissemina. Sendo assim, neste texto, o principal propósito é: analisar a partir de um canal do YouTube protagonizados por crianças quais representações de gênero, articuladas às infâncias, são veiculadas e propagadas. Para dar conta deste propósito, este artigo está organizado da seguinte forma: 1) na seção a seguir são destacados alguns dados relevantes sobre o campo onde tem sido desenvolvida a pesquisa a partir da qual decorreu este artigo, ou seja, o YouTube; 2) são apresentados os aspectos teórico-conceituais utilizados para realizar a pesquisa. Inicialmente são descritas as ferramentas conceituais centrais para o

desenvolvimento das análises, quais sejam: infância, gênero, pedagogia cultural, identidade e representação, levando em conta os campos teóricos aos quais se vincula este artigo: os Estudos de Gênero e os Estudos Culturais de viés pós-estruturalista; 3) É apresentada uma caracterização do canal “Maria Clara e JP”, os critérios utilizados para escolher os vídeos que compuseram o material de análise, bem como são desenvolvidas as análises. 4) por último, são realizadas algumas amarrações finais procurando evidenciar a relevância de se discutir e problematizar materiais tais como os vídeos analisados, tomados como artefatos culturais, a fim de compreender os atravessamentos de gênero que têm sido propagados e ensinados às crianças nestes tempos contemporâneos.

O YOUTUBE COMO POTENTE CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

As mídias têm contribuído para que as crianças do século XXI ganhassem visibilidade, sem contar que elas conferiram, como destacado por Guy Debord (1997), ainda mais relevância à cultura da imagem e do espetáculo já observada desde a mais tenra idade. O mesmo autor argumenta que a sociedade passou a viver, especialmente a partir da segunda metade do século XX, numa era de dominação pela imagem. Pode-se considerar que, nesse contexto digital, foram sendo incorporadas às mídias promessas não apenas de uma maior possibilidade de interação, como também de uma participação mais ampla e ativa de sujeitos comuns, incluindo os infantis.

Sem dúvida, o YouTube ampliou tal possibilidade. Por isso, nesta seção, são trazidas algumas considerações sobre esta plataforma. Além do que, o material de análise deste artigo constituiu-se a partir do Canal “Maria Clara e JP” o qual é vinculado ao YouTube e será brevemente descrito em seção posterior.

O YouTube é uma nova tecnologia que tem possibilitado às crianças uma participação ativa tanto na emissão de opinião, como na própria produção de conteúdos. Ele é uma plataforma de mídia que interage com outras mídias e permite que seus usuários possam criar vídeos e circular os

seus conteúdos. Os criadores de conteúdo que se valem desta plataforma como meio de interação e divulgação são chamados de YouTubers.

Qualquer sujeito pode ser não somente usuário comum, como criador de conteúdo, ou seja, pode criar seu próprio canal. Importante referir que usuário comum são todos/as que acessam o YouTube, assistem a vídeos, curtem, fazem comentários, mas não produzem e publicam vídeos, ou seja, esse é um dentre tantos tipos de perfis que se vinculam a ele. Independente do perfil que cada um vai exercer diante das possibilidades que a plataforma oferece, há orientações quanto ao uso de suas ferramentas. O YouTube também orienta quanto à utilização de seu logotipo e fornece instruções para o uso da marca. Para cada perfil de usuário, quais sejam, parceiros e anunciantes, canais de entretenimento e mídia, fabricantes de dispositivos e desenvolvedores de aplicativos ou dispositivos possuem regras específicas de utilização do logo, que ficam disponíveis para downloads no próprio site (Melo, 2018).

No âmbito deste artigo e das pesquisas que venho desenvolvendo e orientando toma-se o YouTube como uma pedagogia cultural, já que os vídeos e anúncios nele publicados ensinam, educam e afetam os modos de ser dos sujeitos, incluindo as crianças. Se num outro tempo tínhamos ícones televisivos que encantavam as crianças, hoje temos os YouTubers (adultos ou infantis) que ocupam o lugar de ídolos na vida das pessoas. Para caracterizar sua potência, é importante mencionar que a plataforma tem bilhões de usuários que assistem a milhões de horas de vídeos no YouTube e geram bilhões de visualizações.

A internet, de um modo geral, trouxe até as crianças contemporâneas novas formas de entretenimento, uma delas é não só assistir a vídeos no YouTube, como produzi-los. Os temas de interesse das crianças vão desde desenhos animados, filmes, músicas, games até vídeos produzidos por YouTubers mirins mostrando os seus cotidianos. Isto é, as crianças também são vistas pelo YouTube como consumidoras em potencial. Há o aplicativo YouTube Kids, que possui aproximadamente 30 bilhões de visualizações e mais

de oito milhões de espectadores ativos na semana. O aplicativo dá acesso às crianças a vídeos sobre tópicos que querem explorar.

Outra característica do YouTube é que ao longo dos vídeos a que seus usuários assistem há anúncios combinados com públicos específicos. Quando um vídeo é combinado com um espectador e ele assiste o anúncio, isso é contabilizado como uma reprodução monetizada, ou seja, o YouTube exibe o anúncio e divide a receita com o criador de conteúdo (Melo , 2018).

Na seção a seguir, tal como já anunciado, são trazidas discussões a partir dos campos teóricos aos quais se vincula este artigo, bem sobre as ferramentas conceituais que permitiram analisar os vídeos escolhidos como artefatos que produzem uma pedagogia cultural, a partir das representações que acionam.

DOS ASPECTOS TEÓRICO-CONCEITUAIS

Na modernidade produziu-se e propagou-se um entendimento de infância tomada como dócil, ingênua e subalterna, entretanto a infância contemporânea tem sido fortemente capturada pelos apelos midiáticos e aparelhos digitais e já não pode ser pensada somente como aquela infância compreendida no sentido de falta, mas por aquilo que as infâncias nos incitam, nos desestabilizam e nos fazem pensar. A infância contemporânea vem sofrendo outros processos e transformações sociais, culturais e as subjetividades das crianças inseridas num outro contexto histórico.

Costa (2009, p. 231) colabora para essa discussão ao afirmar que:

Podemos dizer que hoje, nestes tempos por muitos considerados como pós-modernos, diferentes significados de infância estão sendo produzidos e circulam nas sociedades, criando distintas concepções de infância, múltiplos modos de descrevê-la, representá-la e lidar com ela. Além dos significados que circulam no campo social, variados artefatos e condições de possibilidade operam ininterruptamente na constituição das infâncias, de suas identidades e representações, fazendo com que inegavelmente as infâncias do início do século XXI sejam infâncias peculiares, distintas das outras e com características singulares. Como há uma

gama de artefatos e de condições implicadas na constituição das infâncias, não devemos mais falar de uma infância, mas de diferentes modos de ser criança e de viver a infância.

Buckingham (2007) é outro autor que potencializa as problematizações que articulam infâncias e tecnologias. De acordo com ele:

A relação entre a infância e as mídias eletrônicas tem sido muitas vezes percebida em termos essencialistas. As crianças tendem a ser vistas como possuidoras de qualidades inerentes, que se ligam de um modo único às características inerentes a cada meio de comunicação. Na maioria dos casos, é claro, essa relação é definida como negativa: atribui-se as mídias eletrônicas um singular poder de explorar a vulnerabilidade das crianças, de abalar sua individualidade e destruir sua inocência. [...]

Mais recentemente, porém, começou a emergir uma construção bem mais positiva dessa relação. Longe de serem vistas como vítimas passivas das mídias, as crianças passaram a ser vistas como dotadas de uma forma de “alfabetização midiática”, uma sabedoria espontânea de certo modo negada aos adultos. Segundo Buckingham, (2007), as novas tecnologias de mídia são consideradas capazes de oferecer às crianças novas oportunidades para a participação, a criatividade, a comunicação e a autorrealização.

O *YouTube*, como já destacado, é uma dessas novas tecnologias que tem possibilitado às crianças uma participação ativa tanto na emissão de opinião, como na própria produção de conteúdos. Os vídeos de canais do *YouTube* tomados como *corpus* desta investigação são vistos como artefatos culturais que produzem pedagogias na medida em que ensinam modos de ser e de se comportar para as crianças contemporâneas praticamente desde que nascem ou, até mesmo, antes de nascerem. Neste sentido, é que se toma o entendimento de Pedagogia Cultural, conceito caro à perspectiva dos Estudos Culturais, como interlocutor nas análises realizadas. Segundo Steinberg e Kincheloe (2001), a pedagogia cultural:

Enquadra a educação numa variedade de áreas sociais incluindo, mas não limitando a escola. Áreas pedagógicas são aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes, etc. (Steinberg; Kincheloe, 2001, p. 14).

Neste mesmo sentido, Andrade e Costa (2015) afirmam que existem novas maneiras de ver e pensar a pedagogia, a fim de falar sobre saberes, outras experiências e diversos processos que educam e constituem os sujeitos e suas identidades. As mesmas autoras afirmam que as Pedagogias Culturais atuam “na constituição de sujeitos, na composição de identidades, na disseminação de práticas e condutas, enfim, no delineamento de formas de ser e viver na contemporaneidade” (Andrade; Costa, 2015, p. 61), produzindo efeitos - inclusive - nas identidades de gênero de sujeitos desde a mais tenra idade.

Na perspectiva dos Estudos Culturais, nossas identidades são vistas como construções sociais e culturais que são provisórias, temporárias e contingentes, na medida em que vão se modificando a partir das representações e dos discursos com que os sujeitos têm contato. Textos, imagens, currículos escolares, expressam significados construídos culturalmente. Conforme Silva (2001), são eles que buscam produzir efeito e modificar as pessoas, atuando na produção de identidade, que é constituída na e pela cultura.

De acordo com a perspectiva dos Estudos Culturais, as identidades passam a ser reguladas a partir do modo de pensar, de ser e de agir e direcionam-nos ao entendimento do que e de quem somos. Os canais do *YouTube* impulsionam e produzem significados na constituição de identidades infantis, a partir da reverberação de representações que aí são propagadas. É importante afirmar que as identidades não podem ser consideradas estáveis, fixas e imutáveis, pois “identidade plenamente unificada, completa, segura e

coerente é uma fantasia” (Hall, 2014, p. 12). Cada sujeito assume diferentes identidades em momentos distintos, definidos cultural e socialmente.

Outro conceito importante para as análises empreendidas é o de representação. Segundo Silva (2001, p. 32), a representação pode ser definida “como inscrição, marca, traço, significante, e não como processo mental – é a face material, visível, palpável, do conhecimento”.

Ao apropriar-se do texto de Hall, Wortmann (2002, p. 26) afirma que “as coisas não significam: construímos o significado das coisas utilizando sistemas de representação – conceitos e signos”. Em um sentido mais amplo, “as coisas” são embasadas em um conjunto que produz significados, a partir de signos, que são palavras, imagens, sons e linguagens que acabam por regular comportamentos, ações, posturas e condutas. Segundo Woodward (2014, p. 18), a “representação [pode ser] compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas [...]”. A partir da linguagem, pode-se representar e expressar algo sobre o mundo. Representar envolve o uso da linguagem, de signos, de imagens. Woodward (2014, p. 16-17) assim se manifesta:

A representação inclui as práticas e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar.

Os vídeos analisados produzem representações de gênero, conforme será discutido na seção das análises, as quais produzem efeitos nas identidades das crianças. Importante referir que para compreendermos o conceito de gênero, é preciso levar em consideração sua característica volátil e híbrida, que se encontra em constante (re)formulação e (re)construção. Além do que, gênero pode ser entendido como a forma de nos comportarmos

e de sermos percebidos dentro de uma cultura, de um tempo e de uma sociedade. Hoje, mais do que nunca, discutem-se não só os modos de sermos definidos como homens ou mulheres, mas outras possibilidades que ficam entre ou para além destas categorias (Felipe e Guizzo, 2022).

OS ENSINAMENTOS DE GÊNERO NOS CANAIS INFANTIS: RUPTURAS OU REITERAÇÕES?

O canal ao qual estão vinculados os vídeos analisados neste artigo é um dos maiores canais infantis brasileiros no *YouTube* e é protagonizado pelos irmãos Maria Clara e João Pedro (JP). Maria Clara nasceu em 21 agosto 2011 e JP, em 2 novembro 2008. Embora hoje eles já estejam com 12 e 15 anos, quando iniciaram o seu canal, em 2015, eram crianças ainda pequenas. Os vídeos postados mais recentemente ainda são marcados por aspectos lúdicos e infantis. Nem sempre são os irmãos que protagonizam os vídeos, uma vez que bonecos de ambos foram criados e, com frequência, são estes bonecos que protagonizam os vídeos. O canal conta com aproximadamente 40 milhões de inscritos e já foram publicados em torno de 800 vídeos desde a sua criação. Na descrição do canal está a seguinte afirmação: “Aqui no nosso canal você encontrará não só vídeos divertidos, mas também úteis e educativos para crianças, ajudando-as a entender a importância da família, da amizade e apoio mútuo”. Cabe mencionar também que os irmãos estão em outras mídias, tais como *TikTok*, *Instagram* e *Facebook*, onde procuram divulgar e vincular o conteúdo do seu canal, buscando um alcance ainda maior. Além do que, eles já possuem uma gama de produtos que levam sua marca e que se tornam alvo de desejo de milhares de crianças: bonecos, camisetas, materiais escolares, etc..

Como já foi argumentado em momento anterior, o canal foi aqui entendido como um artefato cultural que produz pedagogias já que ensina modos de brincar, de ser e de se comportar para as crianças contemporâneas. Andrade e Costa (2015, p. 61) afirmam que as Pedagogias Culturais atuam “na

composição de identidades, na disseminação de práticas e condutas, enfim, no delineamento de formas de ser e viver na contemporaneidade”.

Dentre os vídeos publicados no canal, para esta análise foram selecionados dois. O primeiro vídeo analisado intitula-se “Maria Clara perdeu a Bebê Sophia”, foi publicado em 16 de setembro de 2022 e tem mais de trinta e sete milhões de visualizações. O segundo, “JP é papai por um dia com Bebê de Verdade”, foi publicado em 23 de junho de 2023 e tem mais de dezesseis milhões de visualizações. Nenhum dos vídeos teve parceria paga. Um dos critérios levados em conta para a escolha dos vídeos foi o fato de os dois, em alguma medida, tratarem de questões que dizem respeito às feminilidades e às masculinidades.

De antemão, salientamos que os vídeos muito mais reforçam representações de gênero ainda tão recorrentes em nossa sociedade, do que apresentam outras possibilidades a meninos e meninas para além dos binarismos de gênero tão arraigados em nossa sociedade. Nessa direção, conforme Esperança (2014, p. 198):

As escolhas das crianças também sinalizam que as produções midiáticas apresentam estratégias que interpelam meninos e meninas de modos distintos, reproduzindo formas de estabelecer e compreender as diferenças de gênero vigentes nas práticas sociais.

Nos dois vídeos selecionados, além de Maria Clara e JP - irmãos protagonistas do canal -, há a participação de uma menina, Sophia, cujo apelido é Soso. Ela tem em torno de dois anos e em ambos os vídeos ela é alvo de atenção e de cuidado por parte de Maria Clara e JP. Importante frisar aqui que, no âmbito deste texto, o objetivo não é problematizar o fato de crianças de mais idade (no caso, Maria Clara e JP) estarem cuidando de crianças menores (no caso, a Sofia), até mesmo por que não se concorda com esse tipo de situação quando desenroladas na vida real. O intuito é discutir de que

modo os vídeos podem estar ensinando meninos e meninas formas de viver as masculinidades e as feminilidades.

No vídeo intitulado “Maria Clara perdeu a Bebê Sophia” logo no início as duas aparecem interagindo e Maria Clara parece estar ensinando as vogais à Sophia. Maria Clara inicia o vídeo dizendo: “Soso, agora eu vou te ensinar o AEIOU!”. Ela, então, inicia: “Fala A ...” e a bebê repete e assim ela vai fazendo sucessivamente com as demais vogais. O propósito aqui também não é fazer uma análise sobre a adequação da atividade para a faixa etária da menina pequena, mas é preciso salientar que Maria Clara assume uma tarefa que social e historicamente vem sendo vista como fortemente atrelada ao feminino, ou seja, ensinar e ser/atuar como professora.

A seguir, as duas aparecem num espaço infantil com utensílios e móveis de cozinha. Neste espaço, Maria Clara brinca de preparar comida para Sophia. Logo no início da cena, Maria Clara diz: “Soso, agora eu vou preparar o seu almoço”, em seguida ela diz: “Soso, vou fazer uma sopinha de legumes pra você”. Ao supostamente terminar de prepará-la, Maria Clara se dá conta de que a menina pequena não está mais ali e passa a procurá-la desesperadamente em vários lugares sem sucesso. Ao retornar ao cenário inicial, Maria Clara se surpreende ao ver Sophia.

O vídeo acaba colaborando para a constituição de identidades de gênero na infância, pois reiteram representações de feminino e masculino nas abordagens que veicula. Ensinam a todo o momento, a sermos mulheres ou homens de um ou de diversos tipos. Para a efetivação destas aprendizagens de gênero, alguns aspectos/características são reforçados continuamente, como aqueles interpretados por Maria Clara que se vinculam à docência e aos cuidados maternos e que, neste século XXI, apesar de haver cada vez mais estudos apontando que as identidades de gênero constituem-se muito mais pelos aspectos culturais e sociais do que biológicos, ainda ganham vinculação bastante forte ao que é permitido no que diz respeito às identidades femininas.

No segundo vídeo, JP está sentado em um sofá jogando vídeo game quando Maria Clara chega com Soso no colo e diz: “João Pedro, a mamãe pediu pra você tomar conta da Soso”. JP faz uma cara de espanto e a menina, várias vezes, fala: “Papa”. Ele interpreta como se ela o estivesse chamando de papai e afirma: “Sophia, eu não vou o seu papai”. Mas - na verdade - o que a Soso queria era comer! Quando JP entende o que a bebê queria, ele vai até a cozinha e fica na dúvida do que oferecer a ela. Há diversos alimentos: biscoitos, macarrão, entre outros, nada muito saudáveis. Por fim, abre uma gaveta e escolhe uma embalagem cheia de pirulitos! reforçando a suposta inabilidade masculina de cuidar de crianças pequenas.

Em outra situação, JP sente um cheiro ruim, porém ele não se dá conta de que a menina pode ter feito cocô e a solução que ele encontra é passar algumas borrifadas de perfume para que o mau cheiro passe. Essas cenas nos mostram, mais uma vez, o pouco (ou quase nenhum) preparo que o garoto tem para lidar com qualquer situação que requeira cuidados, além do que mostra impaciência por parte dele. Em alguma medida, as soluções encontradas por JP podem ser entendidas como negligência, além do que é reforçada a desresponsabilização da figura paterna, na medida em que se normaliza o modo como JP comporta-se nas referidas cenas. O que se percebe é que meninos continuam sendo educados e produzidos para uma incapacidade e uma insensibilidade para lidar com crianças.

Assim que Maria Clara volta à cena, ela acaba resolvendo todos “os problemas”. Primeiro, ela dá uma lição em JP dizendo que bebês como Sophia não se alimentam com pirulitos e, a seguir, aparece uma cena dela dando morangos frescos à menina. A segunda situação que Maria Clara rapidamente resolve é a da troca de fralda. Ao contrário de JP que apenas passou umas borrifadas de perfume para minimizar o mau cheiro, Maria Clara pega a menina e supostamente faz a troca de fraldas como deve ser feita.

Apesar dos marcadores de gênero aparecerem nos vídeos, indicando que para as meninas são aceitas determinados comportamentos e para

meninos outros, os vídeos tentam reproduzir uma maneira de democratizá-los, revelando que, apesar da inabilidade de JP, por exemplo, os meninos (os pais) também “podem cuidar de crianças”, porém, pelo fato de ser menino, é meio desastrado, por isso precisa aprender com Maria Clara.

Em articulação a tais questões, torna-se pertinente acionar as pesquisas desenvolvidas por Klein (2010) que mostram o quanto por meio de políticas públicas, quando se trata de cuidado e atenção a crianças, há um investimento no sujeito feminino e materno, além do que há uma certa “naturalização da des-responsabilização” paterna. Tal “des-responsabilização” afeta a sobrecarga laboral feminina. Entendimento este que se entrelaça às contribuições de Rosa e Felipe (2019), ao ressaltarem que as mulheres possuem muitas e diversificadas jornadas de trabalho e de responsabilidade. Para eles, as mulheres são estimuladas constantemente a dedicar seu tempo, bem como a investir financeira e afetivamente/emotivamente nos cuidados domésticos e maternos, por meio da administração do lar, da atenção a membros da família que, de alguma forma, precisam, sejam eles crianças, adultos ou idosos.

AMARRAÇÕES FINAIS

O *YouTube* tem “[...] potencializado a projeção de crianças nas esferas públicas midiáticas, bem como a reconfiguração de suas culturas infantis, na relação cotidiana que estabelecem com os dispositivos móveis” (Sampaio, Pereira e Cavalcante; 2021, p. 17). Daí a importância de tomá-lo como campo de investigação uma vez que ele não só potencializa a projeção de crianças, como também acaba por produzir efeitos na constituição identitária de outras milhares de crianças espectadoras que assistem e interagem com os vídeos analisados os quais produzem/reforçam determinadas representações.

Noradowski (2013) ressalta que a criança que está em meio à tecnologia, utilizando-se dela, recebe um lugar de participação. Mais do que isso, através da tecnologia as crianças têm maior reconhecimento, sendo que

a interação entre elas e as ferramentas tecnológicas garantem uma participação privilegiada. E essa dinâmica, imposta às infâncias, pautada numa lógica desafiadora e assujeitadora, se mostra tanto sutil, quanto eficaz. Eficaz porque é interiorizada, sendo nessa relação consigo que o(a) ‘educando(a)’ poderá talvez, “interiorizar esse exterior, apre(e)ndendo os ensinamentos” (Costa e Camozzato, 2013, p. 174).

Além disso, é possível afirmar que o *YouTube* contribui para dar novos significados à infância, uma infância conectada às novas mídias e ao mundo. As representações de infância não são fixas e podem ser alteradas de acordo com o contexto em que as crianças estão inseridas. Narodowski (2013) argumenta que, para falar sobre infâncias, deve-se revisar o contexto mundial em que se desenvolvem, principalmente quando sofrem efeitos das tecnologias (Melo e Guizzo, 2018). Por fim, cabe reiterar a ideia de que, tal como nos vídeos analisados, as crianças consomem não só produtos, como exemplos a serem seguidos, incluindo aqueles relacionados a questões de gênero. E tal como procurou-se evidenciar nas discussões neste artigo empreendidas, os vídeos analisados muito mais reiteram possibilidades de viver as masculinidades e as feminilidades do que rompem com aquilo que já está posto enquanto “normal” e “correto” quando pensamos em identidades e subjetividades de gênero.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. *Textura*, Canoas, v. 17 n. 34, p. 48-63. maio/ago. 2015.

COSTA, Marisa Vorraber; CAMOZZATO, Viviane Castro. Da pedagogia como arte às artes da pedagogia. *Pro-Posições*, Campinas, v. 24, n. 3 (72), p. 161-182, set./dez. 2013.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca S. 'Minha mãe me vestiu de Batman, mas eu sou a mulher gato' - discussões sobre scripts de gênero, sexualidade e infâncias.

In: SEFFNER, Fernando; FELIPE, Jane (Org.). *Educação, Gênero e Sexualidade: (im)pertinências*. 1ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2022, p. 56-74.

BUCKINGHAM, David. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Loyola, 2007.

COSTA, Marisa Vorraber. Educar-se na sociedade de consumidores. In: COSTA, Marisa Vorraber. *A educação na cultura da mídia e do consumo*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997
HALL, Stuart. *A identidade cultural pós-moderna*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

ESPERANÇA, Joice. Mídia e consumo nas vozes das crianças: a produção de corpos infantis. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 20, n. 41, jan./abr. 2014, p. 189-208.

KLEIN, Carin. *Biopolíticas de inclusão social e produção de maternidades e paternidades para uma infância melhor*. 2010. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

MELO, Darcyane Rodrigues de. *Infância YouTuber: um estudo sobre modos de ser criança na contemporaneidade*. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, Rio Grande do Sul, 2018.

MELO, Darcyane Rodrigues; GUIZZO, Bianca Salazar. Infância YouTuber: problematizando representações de crianças inseridas na cultura de sucesso. *Revista Série-Estudos*, v. 24, n. 50, p. 121-140, jan./abr 2019.

NARODOWSKI, Mariano. Hacia Un mundo sin adultos. Infancias híper y desrealizadas en la era de los derechos del niño. *Actualidades Pedagógicas*, n. 62, p. 15-36, jul./dez. 2013.

ROSA, Cristiano Eduardo; FELIPE, Jane. Uma Diva Dentro de Mim: descobertas femininas sobre scripts de gênero no processo de montagem drag queen. In: RIBEIRO, Joyce; VILAÇA, Teresa; BRÍCIO, Vilma; MENDES, Sandra. (Org.).

Gênero, sexualidade e educação: problemas contemporâneos. 01 ed. Curitiba: CRV Editora, 2019, v.01, pp.65-80.

SAMPAIO, Inês; PEREIRA, Georgia; CAVALCANTE, Andrea. Crianças Youtubers e o exercício do direito à comunicação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 41, n. 113, p. 14-22, jan./abr. 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe (Orgs.). *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (orgs.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.

WORTMANN, Maria Lúcia. Sujeitos estranhos, distraídos, curiosos, inventivos, mas também éticos, confiáveis. Desprendidos e abnegados: professores de ciências e cientistas na literatura infanto-juvenil. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. *Professoras que as histórias nos contam*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 1-32.

Recebido em: 26/03/2024

Aceito em: 28/03/2024

Publicado em: 30/08/2024